

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANCEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega \$120
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 12
15 DE JUNHO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

PORTUGAL PITTORESCO



O RABAÇAL — QUEDA D'AGUA NO INTERIOR DA ILHA DA MADEIRA (Segundo uma photographia do sr. Camacho)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Os últimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAS DE CARVALHO — O centenário de Voltaire, por PINHEIRO CHAGAS — As noivas gravuras — A uma creatura, por F. PALHA — O falso Allemão, por ALFREDO MAY — BIBLIOGRAPHIA.

GRAVURAS. — O Rabaçal: queda d'agua no interior da ilha da Madeira — Voltaire — O Judeu vendilhão — O castello de Monforte — Barros, guia da expedição ao interior da Africa — Fragmento de osso semi-cylindrico da anta de Bellas — Placa de schisto de Monte Real, Leiria — Baculo de schisto da sepultura de Martim Affonso — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

N'este momento todos os campos de Portugal estão cobertos de candidatos e de boninas. As boninas rebentaram em grandes moitas perfumadas depois das ultimas chuvas. Os candidatos vieram espontaneamente á superficie do paiz depois da ultima sessão. Ha já muito, que, de quando em quando, costuma dar isto nos povos.

Ora assim como as boninas se mondam para deixar crescer livremente as cearas, não seria imprevidente mondar tambem os candidatos para fazer crescer as convicções, ou então fazel-os recolher. Entretanto havia a receiar que elles tornassem a rebentar sob o aspecto d'um flagello mais grave, e ninguém por certo quer tomar a responsabilidade de tão melindrosa operação.

A providencia deu as flores ás campinas e os candidatos aos eleitores; deixar pois que tanto os vallados como os recenseados, correm a frente com esses assignalados dons da providencia, para a grande bachanal da natureza e da politica — segundo a carta.

— A saturnal mais inoffensiva e mais sincera a que Lisboa se entrega annualmente teve logar ha tres noites — na vespera de Santo Antonio.

A que profundas considerações sobre o industrialismo e o utilitarismo do seculo, se não prestava este caso se quizessemos comparar a nativa espontaneidade dos descantes da praça da Figueira com o calculado programma das bandas militares dos Recreios!

Decididamente a moderna corrente do seculo actua com desmedida violencia sobre a crença dos povos no que ella tem de mais sincero, tanto em fé como em vasinhos de manjerição. As empresas theatraes apoderaram-se da tradiçào nacional e resolveram ganhar dinheiro com ella taxando a mais bella noite legendaria de santa poesia popular em 100 réis por cabeça — entrada gratis para meninas até 10 annos.

A praça da Figueira entretanto ainda conserva uns vestigios da sua antiga e simples physionomia. O cravo de papel vermelho, ostentando aquella bandeirinha aonde a poesia lyrica portugueza se refugia em quadras d'um sentimento profundo, como n'um ultimo baluarte, lá estava ainda ha tres dias offerecendo-se ás almas simplices e boas das engommadeiras e da guarda municipal. Mais adiante o manjerição viçoso no seu vasinho vermelho e fresco, implorava a uma costureira que passava um sorriso e a beira d'um telhado, e logo ao pé, jorrando em ondas d'um amarelo tão convidativo quanto sinistro, os capilés preparados por Tortonis, tão crueis como ambulantes — com agua tufana e assucar mascavado — espalhavam scintillações estranhas, illuminadas pelo pallido clarão d'uma lanterna melancolica, como pretendendo mitigar os ardores dos corações amantes, que passavam a devorar paixões conjunctamente com cerejas; e depois, sobre tudo isto, então, o grande murmurio da alma popular expandindo-se livremente em guinchos de mil especies, dados pelos homens e pelos clarinetes, pelas colarejas e pelas guitarras, enchendo o espaço d'um ruido victorioso e alegre, pelo qual passava de quando em quando, furtivamente, como um milhafre por entre um bando de tordos, o silvo d'um apito da policia em busca de preza para o quartel do Carmo!

Como os Recreios são diferentes de tudo isto! E como ali as expansões do sentimento publico são pautadas pelas conveniencias que se devem ao decoro e ao programma da funcção!

As onze horas queimam-se duas mil alcachofas n'uma pequena pyra formada por seis blocos de gaz. As sortes são cinco mil exactas, calculadas pela venda dos bilhetes. Os corações expandem-se sob a protecção da municipal de grande uniforme, e se n'alguns se ateia o incendio, acode logo o destacamento de bombeiros de serviço no theatro. O padroeiro está ali sob o imperio do cartaz e das leis da cortezia, e como quanto mais o devaneio se prolonga, mais metros cubicos tem a empreza de pagar á companhia do gaz, antes da meia noite queima-se a peça final do fogo d'artificio, e todas as familias retiram prudentemente para suas casas, levando como unica recordação d'aquella noite de grande e singela poesia, uma alcachofra denegrida pela chamma que brota da canalisação da cidade.

Oh! mal diria o Thaumaturgo que chegariam tempos em que elle teria de entrar em concorrência com a zarzuela para seduzir os corações da sua cidade natal, havendo quem estivesse em duvida sobre qual exerce mais prestigio no publico: o beato santo Antonio ou a sr.^a Zamacois!

Entretanto console-nos uma cousa. É que n'esta noite abençoada, ainda por esse paiz fóra, nas singelas e placidas aldeias ignoradas e

esquecidas, na doce tranquillidade dos albergues e dos casaes espalhados pelo recesso dos valles e pelo dorso das collinas, ainda existem almas crentes e sinceras que professam o culto primitivo da lenda e da suave tradiçào. As fogueiras de rosmaninho embalsamam os ares derramando nas povoações effluvios bons e salutareos. As alcachofras queimam-se á labareda dos grandes pinheiros resinosos, em chammãs, que se reflectem nas paredes dos eremiteiros ou nos tectos de colmo das choupanas. Os ecos das cantigas populares acordam o silencio mysterioso das varzeas e das montanhas, e em quanto Lisboa e a praça da Figueira cahem sob o dominio da policia correccional pelos desvarios que praticam, os aldeãos singelos escorregam quando muito sob as fogueiras pelos saltos que dão.

Como o leitor vê eu procuro manter tanto quanto possivel a tradiçào da rhetorica nacional ao tratar das noites de Santo Antonio nas aldeias do meu paiz. Este singelo idyllio do rosmaninho e da herva pinheira nem sempre é tão casto e tão innocente como d'ordinario o pintam os paizagistas bucolicos; mas, com os demonios, se nós vamos a abolir a tradiçào com que ficamos? Com o imposto de consumo, com a valsa legitimista a Roma, a Roma! com os novos candidatos, com o Chiado, com o Martinho, com o hotel Borges?

Não me parece isto bastante para satisfazer as aspirações da alma popular. O verdadeiro, pois, é deixar os Recreios, a praça da Figueira, e as aldeias, celebrarem cada um a seu modo a noute de Santo Antonio, certos de que em virtude da livre concorrência não tardará a estabelecer-se um justo equilibrio entre a crença que se expande pela guitarra com acompanhamento de pau entre os fleis, e a lenda, tornada industria, e offerecida em poesia a 100 réis por cabeça, sob a vigilância da guarda municipal.

No fim de contas o Thaumaturgo deu-se tambem no Gymnasio n'outros tempos, que talvez agora lhe não desagrade de todo ouvir a banda do 16, e vêr expandir-se n'uma polka vertiginosa o genio do sr. Justino Soares e a sobrecasaca do mesmo professor.

— Julio Verne, o grande phantasia das *Viagens Maravilhosas*, esteve em Lisboa 48 horas balanceando-se na superficie azulada do Tejo a bordo do seu yacht de recreio *Saint-Michel*. Na cidade a visita do romancista produziu talvez mais impressão pelo yacht do que pelo talento do escriptor, pois que a suprema verdade é que toda a gente considera muito possivel que um homem possua genio, julgando porém muito difficil que pelo genio obtenha um barco susceptivel de navegar.

Julio Verne, por exemplo, é uma d'essas excepções miraculosas. O modo porque elle soube honrar o crystal do Tejo deve lisongear o nosso orgulho nacional. É a primeira celebridade europea que nos tempos modernos se compraz em balouçar-se voluptuosamente nas aguas d'esse rio estimavel, de que nós tanto nos ufanamos, mas de que sómente sabem tirar proveito os tristes inspirados, de quando em quando, e o ministerio da marinha uma vez por outra.

Julio Verne só veio a terra dar preito de admiração aos jardins dos Recreios, e um jantar do Central ao proprio estomago. O que na ordem bucolica e na gastronomicã, a cidade conta de mais notavel foi d'esta fórma honrado pela contemplação e pelo appetite do phantasia incomparavel.

Portugal fica tão longe do mundo que é realmente para agradecer quando um estrangeiro illustre se lembra de vir passar uma vista d'olhos pela fachada dos Jeronymos ou pelo azul do nosso ceu.

Só de tempos a tempos um ou outro *commis-voyageur* que percorre o orbe com amostras de lanificios, ou um viajante inglez que passeia pelo univtrso a sua excentricidade, desembarcam no caes da alfandega para se demorem entre nós os tres dias marcados no seu itinerario.

Os frequentadores do Chiado veem, agora, ha duas ou tres semanas passar ao trote d'uma azemola tysica por diante da casa Havaneza, uma *miss* de longos caracões louros seguida d'um lacaio de farda, comicamente bifurcado n'uma alimaria-hydropica. Nada mais comico na ordem equestre; nada mais cheio de seriedade burlesca no genero de cavallaria.

A *miss*ão que traz a Portugal a gravidade d'esta *miss* seguida do perfil imperturbavel do seu lacaio, é a seguinte: vem espiaçar a hypocondria de cinco cães de familia que, juntamente com ella, com o lacaio e com os dois cavallos estão hospedados n'um hotel do Chiado. Ha uns poucos d'annos que a *miss* passeia pelo globo, entre os extremos d'um verdadeiro carinho *maternal* estes cinco cães nostalgicos, no olhar vago e indefinido dos quaes transparece a mystica aspiração a um osso desconhecido. Foram á Palestina, ao Japão, ao Mexico e agora chegam a Portugal, em busca de remedio para a profunda tristeza que os domina. Mal sabem elles como a camara municipal de Lisboa sabe curar este mal estranho que, de quando em quando, accomette os da sua raça!

Agradecemos pois a Julio Verne o interesse puramente artistico que o trouxe a este paiz, sem lãs para vender nem cães para consolar.

— Segundo corre o Scha da Persia tambem cá virá este anno. É sabido a sensação que elle da outra vez produziu em Paris. Todas as *Illustrações* desenharam então, a par, estas tres cousas: o Scha, o turbante e o selim do seu cavallo. Foi com estes artefactos cravejados de brilhantes que elle se impoz á admiração da Europa. Agora, porém, como viaja incognito, é de receiar que não exerça o mesmo prestigio, desacompanhado como vem d'estas peças de vestuario dos seus maiores.

Será entretanto mais um glorioso selvagem a quem Lisboa dará a sua admiração por alguns dias.

GUILHERME D'AZEVEDO.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

VII

Quem é, d'onde vem, como vive esta apparição fresca e risonha que entrou assim tão inesperada, com ares de andorinha espavorida no antro do velho leão.

E ella quem se encarrega de responder a todas estas perguntas; quem poz o publico, o seu publico allemão, que tão bem a entendia, na confidencia dos mais intimos segredos da sua vida e do seu coração. Desde que ella entra em scena o nosso papel tem de limitar-se apenas ao de traductora ou de interprete.

Ella propria desenrolla diante do nosso olhar deslumbrado as mysteriosas riquezas da sua vida interior, as phantasticas miragens do seu vasto imaginar.

Não temos mais a fazer do que seguil-a fielmente pelos desvios ou pelos atalhos, pelas paizagens engrinaldadas do velludo dos pampanos, ou pela região dos sonhos onde ella vaga quasi sempre alheia e só.

Bettina tem vinte annos e parece não ter mais de treze. Filha de pae italiano e de mãe allemã ha na sua phantasia, cheia de sol e de nuvens, todas as côres do arco iris. Aquelle maravilhoso sentimento da natureza que inunda como um fluido sideral as telas do Raphael ou do Corregio, os cantos de Petrarcha ou do Tasso, passa no espirito de Bettina sem deixar de ser igualmente vivo e verdadeiro por uma modificação que por assim dizer o completa.

Bettina ama a natureza como a sabem amar as organizações ardentes e sensuaes do meio dia, mas a natureza que ella ama tem as severidades melancolicas do Norte, tem aquellas harmonias sobrias e profundas que vibram na voz do orgão, sob as abobadas das cathedraes gothicas; tem os molles nevoeiros ondeantes que fazem sonhar.

D'aquí os reflexos dubios, as claridades subitas, os contrastes de sombra e de luz, as illuminações de vidente que passam no mundo intimo de Bettina.

Ha no seu corpo pequenino e esbelto as flexibilidades nervosas do corpo da gazella. Formou-se na liberdade expansiva da natureza. Aos oito annos conta ella que corria indomada e livre pelos extensos jardins do convento em que se educava «similhante ao cabrito montez domesticado, meigo para os que o acarinham e ainda bravo pelas tendencias nativas.»

Pequena, deitava-se ao sol do meio dia sobre os rochedos ou sobre as hervas, escutava o palpar dos insectos, o murmuro indefinivel dos musgos e das plantas, trepava ás arvores e ás montanhas, rolava-se na terra fecundada pelo ardor dos soes, e deixava-se penetrar de todos os effluvios vitaes que se exhalam do seio da Natureza.

Ninguem como ella conheceu nunca os segredos animados das cousas mudas.

Corria á noite sem medo pelos caminhos solitarios respirando a plenos pulmões a frescura das humidas lezirias; levantava-se devagarinho no longo dormitorio conventual e escapava-se pé ante pé, sobre saltada e tremula, para ir esperar lá fóra, deitada nas margens do rio, combatida pelas ondas, a claridade purpurea da manhã. Depois no certo universal da natureza em festa sentia acordarem dentro de si as visões que toda a vida haviam de perseguil-a, arrastando-a na vertigem dos seus circulos phantasticos.

— «Foi a minha idade heroica» — diz ella relatando as aventuras da sua infancia, a iniciação do seu pantheismo instinctivo mais vivo e mais verdadeiro que o pantheismo artificial de Goethe.

Uma noite a tempestade surpreendeu-a no campo. Bettina foi refugiar-se sob a rama folhuda d'uma enorme tília em flôr.

Os relampagos atravessavam em fitas de fogo o sombrio espaço, e d'entre os recortes da folhagem, Bettina via-os illuminares subitamente com a luz fulva e sinistra a floresta proxima, e a crista dos rochedos, enquanto combatia o seu medo instinctivo, abraçada á arvore «sem coração para responder ás vibrações do seu.»

Ao longe o sino do convento chamava as freiras apavoradas á oração, as luzes vagavam tremulas pelos longos corredores claustraes, e a pequenina alma dilatava-se orgulhosamente na consciencia da sua e do seu isolamento voluntario. O trovão roncava como um leão força e do seu isolamento voluntario. O trovão roncava como um leão força e do seu isolamento voluntario. O trovão roncava como um leão força e do seu isolamento voluntario.

Pouco a pouco assim foi crescendo e habituando-se a todas as meiguices e a todas as coleras da alma universal. Mettia flores na bocca para tentar com ellas as abelhas que lhe zumbiam em torno; entendia todos os sussurros da charneca, quando a vegetação é mais vigorosa e espessa, cultivava as flores, balouçava-se na rama flexivel dos casta-nheiros, trepava até ás alturas onde as andorinhas haviam dependurado os ninhos, e punha-se muito attenta a escutar o que diz no silencio o suspirar indistincto das aves.

Atravez de tudo isto envolvia-se n'uma especie de mysticismo vago. Tanto gostava das grandes claridades sadias do campo como da sombra melancolica do sanctuario. Era ella quem adornava de flores as capellas do convento, quem lavava os purificadores, e velava pelo aceso dos vasos sagrados, e ás vezes por detraz d'uma pilastra, ou da escuridão de algum confissionario de cedro arrendado, punha-se a vêr «o sol de outomno brilhar atravez das janellas da igreja, e as folhas da videira que cresce em volta das ogivas, projectarem as sombras recortadas no chão ou na parede branca, e impellidas pelo vento despegarem-se do cepo e cairem silenciosamente.»

— «Nos dias da minha infancia, diz ella em colorida e mystica linguagem, nas suas cartas a Goethe que publicou depois — e que a Allemanha inteira saudou entusiasta, — aprendi a conhecer a vida da Natureza, ouvi os mil suspiros de amor que gemem as noites do estio, eu, creança solitaria, solitaria até á medulla dos ossos, espreitei as felicidades occultas, os fecundos ardores da criação; debrucei-me no calice das flores para lhe saber os segredos, saboreei avidamente os seus perfumes como uma lição de sabedoria, e abençoei a uva antes de a ter comido!

— «Os pensamentos tambem são plantas; criam-se no ether do espirito. O sentimento é o solo maternal em que mergulham e alimentam as raizes, o espirito é o ar vital em que abrem as flores e expandem os perfumes. O espirito em que muitos pensamentos desabrocham em flores, é um espirito que eu chamarei odorante, perto d'elle respira-se o balsamo da beatitude.

— «Para mim a natureza inteira é um espelho do que se passa na vida espirital.»

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O CENTENARIO DE VOLTAIRE

Agitou-se em torno de Voltaire, hoje, em 1878, cem annos depois de ter adormecido na campa o auctor de *Mahomet* e do *Diccionario Philosophico*, uma singular contenda.

Os republicanos e os homens de idéas avançadas divinisaram-n'o, conspurcaram-n'o os retrogrados e os clericas. Aquelles faziam-lhe a apothecose, estes atiravam-n'o ás gemonias. Victor Hugo bradava que a festa de Voltaire era o terror das realezas, e Leão XIII dizia que a festa de Voltaire era a vergonha do seculo, e nem Victor Hugo se lembrava que Voltaire, gentil-homem da camara de S. M. o rei de França, chamava Trajano a Luiz XV, nem Leão XIII tinha presente que Voltaire dedicára a sua tragedia de *Mahomet* ao seu antecessor Benedicto XIV, e que Benedicto XIV tivera essa dedicatória em altissima conta. Os republicanos consideravam a festa de Voltaire como uma festa patriótica, sem se lembrarem que Voltaire applaudira Rosbach, essa predecessora de Sedan, e os clericas asseveravam que o centenario de Voltaire era um insulto ao patriotismo, sem se lembrarem que a Voltaire deveu a França do seculo XVIII as conquistas mais duradouras e incontestaveis — as conquistas da idéa, e que, enquanto os soldados francezes fugiam diante das armas de Frederico II, e enquanto a diplomacia franceza se humilhava perante a vontade energica de Catharina II, o espirito francez entrava triumphante com Voltaire em S. Petersburgo e em Berlim.

Fazer de Voltaire o chefe de um partido, que loucura! alistar Voltaire nas phalanges revolucionarias, que contrasenso! Se Voltaire vivesse em 1792, seria o primeiro guilhotinado. A revolução pareceria uma sinistra doidice ao senhor de Ferney.

Voltaire foi incontestavelmente um poderoso obreiro do progresso, mas não o foi menos o marquez de Pombal, não o foi menos Napoleão I, e comtudo os republicanos considerariam uma verdadeira comedia celebrar o centenario do marquez de Pombal, ou o centenario de Napoleão I como uma festa partidaria.

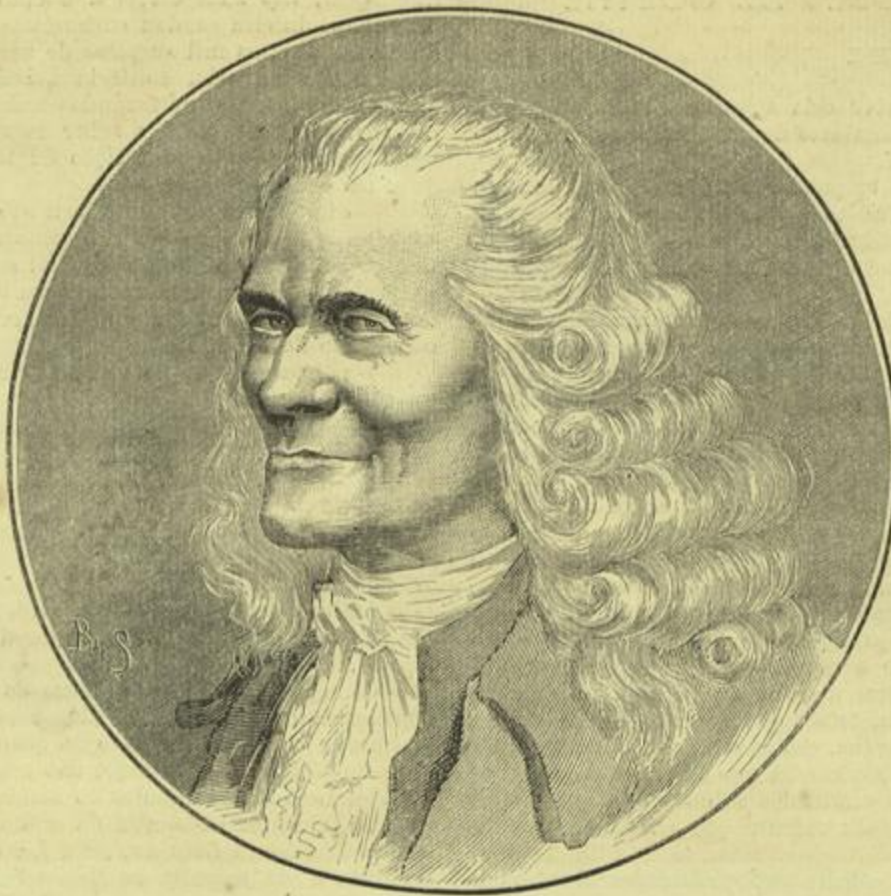
Quando os grandes vultos transpõem o limiar da historia, á historia compete apreciar-os serenamente, e não os trazer de novo para a arena da lucta, onde elles de certo desempenhariam, se resuscitassem, um papel muito differente do que imaginam os seus fanaticos. Os grandes homens são os agentes inconscientes das grandes leis historicas. Todos teem uma scintella de luz, que ha de illuminar o caminho da humanidade, a uns esse clarão lampeja na folha da espada, a outros no livro, a outros na palavra. Enquanto viverem, combateram-se, gladiaram-se, insultaram-se, não se comprehenderam. Viram apenas uns dos outros a face tenebrosa, porque a scintilla que elles trazem vem sempre envolta em nevoas, porque uns agitam o facho enfumaçado, outros ateiam o incendio que devasta, mas ao longe, ao longe, nos campos do futuro, vê-se apenas a resultante luminosa, e do facho envolto em fumarada, do incendio que solta espessas columnas de fumo, o que se projecta além no horisonte? A luz rasgando as trevas.

Se avaliarmos Voltaire á face da critica moderna, e da sciencia actual, não encontramos uma camada enorme de erros? Pois nós hoje, que estudamos com serenidade scientifica a philosophia das religiões, que percebemos o que era o ideal messianico dos povos semitas, que comprehendemos maravilhosamente o modo como se formaram os mythos, que seguimos atravez das migrações da raça arya, a origem dos dogmas, que sabemos que as religiões se formaram na phantasia humana fecundada pela aspiração sublime a um ideal de esperanza e de justiça, podemos tomar a serio a interpretação que dava aos mysterios do christianismo a impiedade frivola de Voltaire, absolutamente destituida de espirito scientifico? Nós, que estudamos physiologicamente as visões dos illuminaes, não pasmamos do modo como Voltaire comprehendeu a missão de Joanna d'Arc? Não temos direito tambem de nos sorrir do entusiasmo com que os republicanos aclamam Voltaire, cujo ideal politico, sabemol-o perfeitamente, não chegava, quando muito, e com largas restricções, senão á constituição ingleza da dynastia de Hannover? Mas no meio de todos os seus erros e de todos os seus contrasensos, Voltaire pégou energicamente a tolerancia, e com o seu diabolico sarcasmo destruiu o prestigio da theocracia. Eis a resultante luminosa da sua obra.

Mas n'um outro canto da Europa, um homem, a quem Voltaire chamava *tyrannete da idade média*, em vez de se indignar contra as torturas de Galas, infligia tormentos mais crueis aos supplicados de Belem; em vez de publicar o *Diccionario philosophico*, prohibia a sua leitura; mas esse homem arrancou á Inquisição o seu poder terrivel, expulsou os jesuitas do ensino e do confessionario pela força e pela idéa, dirigindo contra elles a um tempo os agentes do intendente de policia, e o Novo methodo de estudar, de Luiz Antonio Verney; esse homem não tinha por ideal politico a constituição ingleza, pelo contrario, estabelecia em Portugal o mais implacavel despotismo, mas bania a escravidão do solo portuguez, mas equiparava os selvagens da America aos portuguezes do Brazil, os canarins de Goa aos portuguezes da India. Esse homem era o marquez de Pombal. Foi tyranno, foi cruel, foi despotico, mas apagou as fogueiras da Inquisição, mas secularizou o ensino e emancipou a intelligencia do jugo theocratico, mas lançou as bases da igualdade civil. Eis a outra resultante luminosa, que vai associar-se á de Voltaire, e tornar mais intenso o facho de luz que o seculo XVIII projecta no caminho da humanidade.

E Frederico II é despota, mas senta a philosophia no throno, e Catharina II é devassa e cruel, mas faz entrar a Russia no gremio da civilização, e Luiz XVI é beato, mas arranca a tortura dos codigos judiciarios, e Tamuci detesta a Encyclopedia, mas é um reformador em Napoles, e Florida Blanca odeia Voltaire, mas é um reformador em Hespanha, e por toda a parte, em toda a Europa, nos limites da sua capacidade, na esphera da sua acção, grandes homens, e simples chefes de estado combatem-se, dilaceram-se, insultam-se, e todos caminham no mesmo sentido! As refôrmas, a philosophia, o humanitarismo, tudo trabalha inconscientemente para a revolução. Franklin, Voltaire, Washington, Lafayette, marquez de Pombal, Turgot, Malesherbes, Florida-Blanca, José II, Catharina II, Frederico II, Rousseau, Diderot, Luiz XVI, chamam-se uns aos outros impios, retrogrados, tyrannos, anarchistas, e todos elles são apenas os precursores da Revolução que se prepara.

E a Revolução rebenta, e essa obra inconsciente continúa. Danton conspurca Mirabeau, Robespierre guilhotina Danton, Napoleão expulsa ás pranchadas os successores dos convencionaes, e comtudo Mirabeau, Danton, Robespierre, Napoleão não fazem mais do que assentar as bases do moderno mundo democratico. Mirabeau é o entusiasmo, Danton a audacia, Robespierre a firmeza, Napoleão o prestigio. Mira-



VOLTAIRE (Segundo um retrato da época)



O JUDEU VENDILHÃO (Desenho original de Columbano Bordalo Pinheiro)

beau préga a Revolução, Danton funda-a, Robespierre defende-a, Napoleão impõe-n'a. E comtudo estamos certos que muitos dos nossos leitores de idéas avançadas hão-de julgar uma blasphemia esta associação de nomes, e hão-de suppôr absurda a inserção do nome de Bonaparte no livro de oiro da democracia. Nada ha comtudo mais verdadeiro. Sem Bonaparte a Revolução apagava-se na Europa, e tinha de recommear depois. Se Bonaparte não tivesse existido, a reacção inevitavel, que vem sempre depois dos grandes excessos revolucionarios, em vez de se consubstanciar n'elle consubstanciar-se-hia n'uma restauração. O antigo regimen voltava com todo o seu cortejo de abusos. A França, sequiosa de tranquillidade e de ordem, teria de a comprar pelo sacrificio de todas as conquistas revolucionarias. Bonaparte foi a ordem e o despotismo, mas foi no throno o representante dos novos interesses e das novas idéas creadas pela Revolução. Confiscou a liberdade em seu proveito, mas inserio no Codigo Civil o dogma da igualdade, e no Codigo Politico o dogma da soberania popular. Sentou-se no throno não como representante do direito divino, mas como representante da democracia; obrigou as côrtes da Europa, representantes da velha sociedade, a pactuarem com a sociedade nova, a admittirem-n'a no seu congresso, a consentirem que ella se expandisse pela Hespanha, pela Italia, pela Allemanha, pela Hollanda. Eis a resultante luminosa da sua obra de devastação e de despotismo.

Mas, dir-se-ha, não podia Napoleão consolidar as conquistas revolucionarias sem confiscar a liberdade? Não podia pôr a sua espada prestigiosa, e os seus talentos administrativos ao serviço da republica? E Danton e Robespierre, diremos nós, não podia fundar o novo regimen sem matar Luiz XVI e Maria Antonieta, e sem estabelecer a guilhotina em permanencia na praça publica? E Voltaire não podia destruir a superstição e o fanatismo sem macular com obscenidades o sincero entusiasmo patriótico da candida Joanna d'Arc? Não podia arrancar os espiritos ao despotismo theologico, sem deixar de reconhecer o que ha de sublime nas concepções religiosas da humanidade? Não; esta é a fatalidade da natureza humana. A gestação das idéas como a gestação do homem faz-se por exaggerações, que a gestação de novas idéas vae successivamente fazendo entrar nos limites em que se devem manter. No tabernaculo recondito onde se gera, no mysterioso silencio da corrupção, a creatura humana, cada orgão que se vae produzindo adquire um desenvolvimento extraordinario e monstruoso, que a criação



O CASTELLO DE MONFORTE (Desenho do natural por M. de Macedo)

EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA À AFRICA AUSTRAL

de novos órgãos vae successivamente reduzindo aos seus justos limites. O progresso manifesta-se por acções e reacções exaggeradas e violentas, que afinal se equilibram: das exaggerações da liberdade e das exaggerações da ordem é que resulta a justa ponderação das forças sociaes. E, quando a humanidade voltando os olhos para o caminho percorrido, encontra os grandes homens, que impelliram o pensamento pelas grandes linhas que o conduziriam a diferentes abysmos, mas cuja intersecção marca a estrada verdadeira que o progresso tem de seguir, deve curvar-se diante d'elles, sem lhes lançar em rosto as suas contradições apparentes, porque cada grande homem representa uma idéa exclusiva que segue até á sua exaggeração, e as exaggerações d'uns corrigem as exaggerações dos outros, e a intersecção da linha que segue em grande força a palavra de Mirabeau, com a outra linha que segue uma outra força poderosa — a espada de Napoleão é que marca a directriz d'essa resultante prodigiosa — o Progresso.

Como é que um partido portanto pretende monopolisar o grande homem que já pertence á historia? As conquistas de Voltaire são factos adquiridos para a humanidade; toda a geração moderna lhe está colhendo os resultados aproveitaveis; os seus erros, os seus frivolos sarcasmos demoliu-os a humanidade, como se dei-

BARROS, GUIA DA EXPEDIÇÃO AO INTERIOR DA AFRICA
(Segundo uma photographia enviada pelos expedicionarios)

tam abaixo os andaimes de um edificio. Mas lembrem-nos sempre todos que lhe devemos a evangelisação potente da tolerancia, e com ella aproveitam todos; foi a palavra de Voltaire que actuou mais ou menos inconscientemente no espirito de Pio IX quando abriu as portas do Ghetto aos judeus ainda arrebanhados em pleno seculo XIX; foi a palavra de Voltaire que actuou no espirito dos ministros da rainha Victoria, quando proclamaram em plena Inglaterra protestante a emancipação dos catholicos.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

O RABAÇAL

A formosa ilha da Madeira, abunda em sitios d'um pittoresco inexcédível, e d'uma poesia arrebatadora. O que hoje representa a nossa gravura é por certo um dos mais notaveis entre todos. Transparece ali a nativa suavidade d'essa região abençoada com todos os grandes effluvis creadores da natureza.

A bella queda d'agua do Rabaçal é uma das curiosidades mais notaveis da formosa ilha, que ás doçuras do mais abençoado clima do mundo reúne bellezas naturaes que a tornam um pequeno paraizo perdido no meio do oceano. Para os leitores que ainda a não gosaram de perto deve ser grato

contemplar ao menos na gravura essa deliciosa estancia. Poucos sitios haverá mais encantadores e mais dignos de verdadeira admiração.

O JUDEU VENDILHÃO

Disperso pelo mundo, o povo de Israel procurou remir-se da pena cruel imposta á sua raça, pela actividade industrial e pelo esforço constante no trabalho. De povo maldito fez-se uma tribu commerciante, sendo-lhe assim possível, em muitas occasiões, vingar-se nos contemporaneos da crueldade dos antigos oppressores. A sua profissão levou-o entretanto, por sua vez, á extrema tolerancia mercantil de confundir na mesma alcofa as tamaras e os rosarios, e de negociar conjunctamente em symbolos christãos e em chinelos *mouros*. Desde Abraham, que apregoa sapatos, até Salomão Rothschild, que empresta milhões, todos parecem dominados pelo commum pensamento de vingança: escravisarem pela *libra* os que os trouxeram a elles escravizados pelo *dogma*.

O *Judeu Vendilhão*, com quem o leitor depara hoje nas columnas do OCCIDENTE, é de certo muito seu conhecido. Aquelle typo de finura é proverbial n'essa raça activa e intelligente, e como estudo de figura colhida do natural em flagrante delicto de impôr a sua mercadoria aos pés, ao estomago e á crença dos christãos, honra' o lapis de Columbano Bordalo Pinheiro.

Columbano Bordalo, devemos dizel-o ao leitor que porventura o não conheça, pertence a uma familia de verdadeiros artistas. Seu pae, Bordalo Pinheiro, é, como se sabe, um pintor de grande merecimento; seu irmão Raphael Bordalo Pinheiro é popular de mais para que seja preciso relembrar os prodigios d'aquelle lapis chistosissimo que nos ultimos dois annos infelizmente, longe da patria, se tem entretido em fazer, dia a dia, a caricatura da sociedade e dos costumes brazileiros, com a mesma generosidade, o mesmo impeto e a mesma *verve*, com que outr'ora fizera a da comedia portugueza.

Columbano, como se vê, mantém perfeitamente as tradições de familia. No começo da vida é já um notavel artista, e irá de certo longe por ter, além da garantia do nome, a suprema garantia do talento.

CASTELLO DE MONFORTE

O primeiro castello de Monforte, sobre cujas ruinas foi edificado o que representa a nossa gravura, foi obra dos romanos. Destruído pelas continuadas guerras que tiveram logar durante os reinados dos cinco primeiros reis de Portugal no anno de 1312, D. Diniz mandou construir com os materiaes da antiga uma nova fortaleza, toda de cantaria, reputada, n'aquella época, inexpugnável. Coroava-a uma alta torre de menagem, e toda a povoação era cercada de muralhas d'alvenaria com bastantes baluartes. Tudo isto foi depois desmantelado em virtude de convenções que se seguiram ás ultimas guerras com a Hespanha.

Do castello que defronta com Galliza, cujos montes se veem além representados na nossa gravura, restam hoje umas solitarias e pittorescas muralhas, que parecem recordar-se saudosas dos bellos tempos em que constantemente ouviam os bramidos do leão de Castella que lhe vinha rugir ás portas. Hoje é uma ruina caracteristica, muito veneranda por certo e muito digna de figurar no album do *touriste* ou nas paginas onde se reservam as reliquias das passadas glorias nacionaes. O nosso desenhador Manuel de Macedo, divagando ha dois annos, em excursão artistica, pelas faldas de Monforte, entendeu salvar o velho castello do esquecimento publico, e eis o motivo porque elle veiu na sua decrepitude receber o baptismo da gravura nas paginas do OCCIDENTE, rejuvenescendo assim por um momento para a curiosidade dos contemporaneos, já que não lhe é dado renascer para as façanhas militares do nosso tempo.

A paizagem que se estende ao sopé da velha fortaleza, é lindissima, celebrada mesmo pela sua amenidade, como é a extensa veiga de Chaves, villa que fica distante alguns kilometros. O horizonte é vasto, soberbo mesmo, e póde dizer-se que do alto do velho castello se offerece aos olhos do viajante um dos panoramas mais pittorescos e interessantes do paiz.

O GUIA BARROS

O OCCIDENTE deu já os retratos dos tres exploradores portuguezes ao interior da Africa austral: toca hoje a sua vez, ao personagem mais notavel da expedição, depois d'elles, ao guia Barros a quem foi confiado o honroso e difficil encargo de guiar os passos dos expedicionarios até ao Bihé, e d'ahi em diante na arriscada travessia que a estas horas vão empreendendo.

Da biographia do preto Barros nada podemos dizer ao leitor. Apenas sabemos que é aquelle o seu fiel retrato, e que os expedicionarios contam com os conhecimentos vastos que elle tem do sertão, bem como com a sua fidelidade e a sua coragem, acompanhadas d'uma magnifica carabina ingleza, para bem dirigir a brava phalange na sua longa e arriscada excursão.

Se cumprir zelosamente o seu encargo, o preto Barros merecerá o reconhecimento da civilização moderna.

Não nos descuidaremos de dar de quando em quando quaesquer desenhos intercessantes que se relacionem com a expedição: o primeiro, n'um dos proximos numeros, representará o celebre viajante Stanley em conferencia com os exploradores portuguezes, antes da sua partida de Loanda, segundo uma photographia authentica.

A UMA CREATURA

Porque te queixas tu do teu destino?!...
Que mal, que mal te fez, ingrata, a sorte?...
Desunhaste a comer queijo londrino;
na polka és a mais forte;

essa fulva cabeça de leão
não passa d'avelã. Por isso és goso
do bravo rapazio de Lisboa.
Repenicas na *banza* um rugoroso
que dos mortos as campas despovoa.
Desmamadinho já, em salto airoso,
balando, os longos eccos atordôa
o teu futuro esposo.

Mettendo o largo pé na estreita bota
o Rocio encaixaste na Bitesga.
Capaz és tu de entrar, sendo janota,
no céu... por uma nesga.

Trazes um *dog* ao cólo. Tens na tia
chaperon e banqueiro. Anda estafada
a velha e mais a bolsa. A orthographia
contigo, ao ver as duas, não quer nada.
Quem de molho as barbas não poria
vendo a barba visinha incendiada?!...
Dás á lingua durante o santo dia,
e bates na criada.

A coisa mais feliz de quanto existe
és tu portanto. E dás então cavaco,
e blasphemias por ser o mundo triste,
e chamas-lhe velhaco!!

O mundo!! O mundo o que é?... Por mim supponho
ser apenas ironica pilheria
que Jehovah soltou quando, risinho,
descançar pretendeu de empreza séria.
Ha n'elle o encanto espiritual do sonho.
Ha n'elle o encanto vil da vil materia.
Faz rir e faz chorar — o Triboulet medonho!
a divinal miseria!...

A graça toda está n'estas *nuances*;
nas sombras e na luz com que prepara
do prazer e da dôr os varios lances
o velho Dulcamára.

Nunca viste Neptuno carrancudo
pendurar-se nas azas da procella,
roçar as cãs no céu, e em silvo agudo
dar por mortalha ao barco a solta véla?!...
Agora não o vês, sereno e mudo,
como a brincar na praia se enovela?
Pois similhante ao mar no mundo é tudo.
Resigna-te, donzella.

E tudo ha-de acabar; — o mar e o mundo.
Até do meu amor a intensidade
irá sumir-se no pélogo profundo
da fria eternidade.

Eu escrevi — *amor* — ? Fiz mal. É grego;
é grego para ti. Peor; sanskripto.
E tu nas linguas mortas não dás rego.
Se um dia, por acaso, o pequenito
traquinas e cruel, alado e cego,
tentasse dar-te um golpe... era bonito!
Fugiria a gritar: — «Armas que emprégo
« não entram no granito —!»

Tu partilha não tens na doce herança
dos anjos que voaram. Antro escuro
a tua alma será. Nenhuma esp'rança!
nenhum extasi puro!!

Como quando, ao romper da roxa aurora,
na derradeira valsa doudejante
sôltas da trança a rosa que descora,
de si te apartará em negro instante
o fatal turbilhão que te enamora.
Pallido o rosto, o seio palpitante,
perguntarás ao céu se a extrema hora
ainda vem distante!...

O vacuo!... a saciedade!... o horror das trevas!
Ninguém ao pé da cruz no teu calvario!...
Por só cortejo ao cemiteiro levás
um padre mercenario.

Nem esse volta lá. Resou, e a prece
conforme c'oa tabella lhe foi paga.
O fardo que largou mais não merece.
Recebe por adeus grosseira praga
do coveiro que o some, e... breve esquece.
Grão d'areia que foste ao mar co'a vaga,
quem te busca depois? Quem te conhece?
Teu fim quem é que indaga?!

Se é tempo, ó transviada, atrás teus passos!
Abre o teu coração. A fé te anime.
Não ha na vida mais estreitos laços.
Amor tudo redime.

Vê'o-has dissipar a névoa densa
que o teu dia transfórma em noite escura.
Respeitada serás. Trarás suspensa
de teus vermelhos labios a ventura,
que eu não sei de ninguém a quem não vença
puro amor abraçado á formosura.
Serás mulher — é essa a recompensa —
em vez de CREATURA.

Se mover-te consegue esta palestra,
manda morrer o cão no Instituto,
compra cartilha e pedra, e prova á mestra
que vales mais que o bruto.

Depois refórma a tia. Irá na Graça
accender ao Senhor tresentos lumes
por lhe haver arrancado essa carraça.
Vê-se livre da espada de dois gumes
que a burra lhe sangrava, e na carcassa
vasto caminho abria a vãos queixumes.
Menina, já que estás co'a mão na massa,
refórma os teus costumes.

E como incerto é sempre o bem futuro,
e pôde arrepender-se o arrependido,
vae lá pondo, á cautella, no seguro
a honra do marido.

F. PALHA.

O FALSO ALLEMÃO

Via-o todas as noites d'espectaculo em S. Carlos, sentado no seu
logar, attento á musica e á batuta do regente da orchestra. Era um
homem de 30 e tantos annos, alto, magro, branco leitoso, cabeça gra-
ciosamente envolta n'uma esplendida cabelleira loura, annelada, com
magnificos reflexos dourados. Quando havia pausas mais longas, fir-
mava a rabeça no joelho esquerdo e ficava n'uma cogitação profunda
e triste. Era o porte d'esse modesto violinista tão attrahente, tão denun-
ciador de casos estranhos, de sentimentos peregrinos, que subiu de ponto
a minha curiosidade. Anceava por interrogal-o, por conduzil-o a desnud-
ar-me o que imprimia tal cunho d'extraordinario, de formosamente
sympathico n'essa physionomia grave, concentrada, onde os olhos cas-
tanho-escuros, rasgados e intelligentes accusavam o coração magoado
do artista expatriado, do infeliz votado ao supplicio da inspiração a tan-
tos réis por noute, quer, dolorida, chorasse a *Traviata* o tempo que pas-
sou, quer trovejasse a sua colera babilonica o vulto grandioso de *Nabu-
codonosor*, quer se enlevasse suavemente no mystico amor por *Fausto*
a figura sublime de Margarida. Não era elle, pois, — pensava eu —
a figura sublime de Margarida. Não era elle, pois, — pensava eu —
homem d'officio porque o não podesse ser da arte. Era-o, porque é mis-
ter viver e, portanto, receber de tempos a tempos um certo salario;
entretanto o censo esthetico lá estava, lá se retratava no semblante
expressivo, na bella fronte inspirada do artista.

Por esse tempo andava eu impregnado de cousas allemãs. Visitar
a velha Germania, beber lá mesmo a sua cerveja pelo classico can-
girão, e a sua sciencia da propria bocca dos seus eruditos professores,
fumar os seus cachimbos de louça nos botequins de Heidelberg ou de
Nuremberg, subir offegante até ao pinaculo das aerias agulhas das
suas poeticas cathedraes, extasiar-me ante as telas de Klaubach, de
Alberto Durer; era um desejo, um sonho febril, uma preocupação tei-
mosissima que ia passando, sem eu dar por semelhante lesão cerebral,
a uma monomania.

Se á saída dos theatros, occasionalmente, Lisboa estava envolvida
n'um sudario de nevoa fina e glacial, suppunha-me em alguma cidade
do norte. Se topava com uns sujeitos louros, d'olhos azues, que por
mim prepassavam fallando allemão, não sei o que me detinha para
lhes não saltar ao pescoço e osculal-os. Desde Klopstock até ao mais some-
nos vate d'além-Rheno, sabia-os a todos de cor, e no referente a phi-
losophia era uma tal enfiada de pensadores e sabios os que diurna e
nocturnamente manuseava que por muito me apiedar do leitor, não
enumero os seus nomes. E o melhor é que ainda não tinha assentado
em systema algum philosophico. Era materialista com Buchner e idea-
lista com Hegel. Na minha casa havia moveis allemães, quadros alle-
mães, bustos allemães e até não comia cousa que não fosse authenticada,
garantida, pelos manuaes dos cozinheiros de Berlim ou de Magdburgo.
Com aquelles traços caracteristicos do meu violinista, acima es-
boçados, não havia que hesitar. Era mister accommettel-o, expugnall-o.
Foi o que fiz.

A prima-donna, o tenor e o baixo, de mão dada já tinham feito
o terceiro comprimto reverente, alegre e triumphante para o publico.
para os *dilettanti*, que, n'umas palmas descomedidamente ruidosas,
rasgavam, em holocausto ao enthusiasmo lyrico, as suas luvas *gris-
perle*. As damas, nos camarotes, tomavam apressadamente, da mão dos
cavalheiros, dos sóbrinhos e dos maridos, as confortaveis *sorties-de-bal*.
A multidão escoava-se apressadamente pelas saídas da platea e esca-
daria dos camarotes.

Os porteiros exultavam com o antegosto dos lençoes d'algodão e
do chá quente, servido em louça do reino. Os musicos guardavam nos
saccos de chita ou de carneira, os multiformes instrumentos. O regente
descalçava a luva de brancura indecisa, que durante quatro horas lhe
imprimiu caracter, e a qual, com a polida batuta, lhe fora symbolo
de auctoridade despotica. Da porta travessa da caixa, embrulhada nos
chales de lã, cheia de somno e de tedio, saia rapidamente a turba fe-
minina dos coros. Os do sexo masculino substituiam o sapato, ou a bota
d'uma época historica, sempre incerta e vaga, no palco scenico, pela
galocha de borracha contemporanea, e em vez de brandirem a espada
fria e tetrica do conspirador, empunhavam guerreiramente o guarda-
chuva pacifico. Apagara-se a ribalta e em breve o theatro ficaria com-
pletamente ás escuras. O meu homem enfiou um sobretudo claro, envol-
veu a rabeça na respectiva cobertura e pegando no velho chapéu ia par-
tir. Detive-o, affoitamente. — Uma palavra, disse.

— Que deseja observou elle, fitando-me um tanto desconfiado do
meu commettimento, mas tentado a devassar-lhe a causa.

— O senhor não é allemão, perguntei como quem diz: é-o com
certeza.

— Não, senhor, atalhou estupefacto, nasci em Sobreiró de Cima.

Não é pois d'esse grande paiz!... e gelou-se-me na garganta a pe-
dantesca dissertação critico-artistica, em que ia fallar ardentemente das
melodias de Schubert e de Mendelssohn, do sentimento religioso de Bach,
da sciencia de Wagner, da grandeza de Beethoven, da sublimidade de
Mozart, do descommunal de Hayden, das potentes faculdades de Schiller,
do cerebro assombrossamente creador de Goethe, e de quantos mais
outros tem desvairado o intellecto e o gosto litterario de tantos espiri-
tos fouxos e impressionaveis. O falso allemão no fim d'alguns momen-
tos acerescentou imbecilmente:

— Se v. ex.^a não tem mais que dizer-me, vou-me embora, deixo-o,
porque é tarde já, e amanhã preciso de levantar-me cedo para o en-
saio. Muito boa noite.

Fiquei boquiaberto.

Custou-me infinitamente conter-me. Saltou-me uma ancía immensa
de socal-o. Aquelle musico vulgarissimo roubara-me. Tinha o arrojo de
de parecer o que nunca fôra! — Nem allemão, nem artista, nem extraor-
dinario! A minha excitação nervosa, produzida pela aturadissima lei-
tura, dera este resultado: Vêr, n'um indigena de Sobreiró de Cima,
um typo melancolico de ballada!

ALFREDO MAY.

BIBLIOGRAPHIA

INTRODUÇÃO Á ARCHEOLOGIA DA PENINSULA IBERICA

Com este titulo acaba um dos mais illustres archeologos da penin-
sula, o sr. dr. Augusto Philippe Simões, de publicar um livro extrema-
mente notavel, que é por assim dizer a mais brilhante iniciação dos
estudos prehistoricos no nosso paiz, aonde este valioso ramo da sciencia
moderna poucos cultores dedicados tinha encontrado até hoje.

A importancia da sciencia archeologica é hoje evidentissima para
que nós intentemos proclamal-a. Na introdução do seu bello livro diz
o erudito auctor da *Introdução á archeologia*, fallando do alto valor
d'esse estudo comparativo:

« Quem de boa fé e despreocupadamente o emprehender concluirá por certo
que as faculdades humanas são por extremo perfectiveis; que nos tempos primitivos

o homem, arriscado sempre a servir de pasto ás feras que o cercavam e com as quaes tinha de lutar, armado apenas de paus e pedras, para se defender da sua voracidade, ou para lhes disputar a posse das cavernas ou a colheita dos fructos da terra, que o homem, só pelos seus proprios esforços, pelo trabalho que desenvolve os orgãos, pelo exercicio que aperfeioa as faculdades, se elevaria d'aquellas miseraveis condições aos commodos e gosos do estado civilisado. Assim adquirirá uma fé viva na perfectibilidade, em que o progresso tende a diminuir a somma dos males e a augmentar a dos bens, e, guiado por esta convicção consoladora e salutar, trabalhará para se aperfeioar a si proprio e aos seus semelhantes. Facil se lhe tornará tambem prevêr os resultados da applicação de taes principios á educação physica e moral. A criança está para o adulto, como o selvagem para o homem civilisado. A mesma lei, que transforma o primeiro no segundo, permite desenvolver as faculdades infantis, e aproximal-as, em vez de, como tantas vezes acontece, as desviar do typo da perfeição. Finalmente, um povo, inspirado pela fé em que o seu futuro dependeria dos seus proprios costumes, dos meios que pozesse para se aperfeioar physica e moralmente, esse povo, convencido pelo estudo do passado de quanto póde a natureza humana, e illustrado pela sciencia, elevar-se-ia a uma civilisação superior a todas que tem existido, e chegaria a dominar, ou melhor que dominar, a civilisar os outros povos da terra.

Não é nosso proposito n'este logar fazer a critica da obra do sr. dr. Augusto Philippe Simões. Simplesmente queremos dar uma, aliás remota idéa, aos nossos leitores, do valor e da significação de tão bello livro, e não o podemos fazer melhor do que reproduzindo algumas das curiosissimas gravuras intercaladas no texto.

O capitulo iv, intitulado *Primicias da arte*, é certamente um dos mais notaveis, pelos curiosos documentos apresentados e pelas sabias conclusões a que chega o illustre professor.

Exemplifiquemos:

Na anta de Bellas appareceu ha tempo um fragmento cylindrico d'osso vasado por dentro e por fóra muito lavrado,



(Fragmento de osso semi-cylindrico da anta de Bellas)

Seria parte d'um copo ou d'um ornato d'algum objecto de fórma cylindrica?

Outro fragmento tambem d'osso lavrado achou-se na Furninha do eão (Peniche?) Ambos se conservam no museu da escola polytechnica. Tem apparecido em Portugal muitas placas de schisto negro com labores semelhantes aos do fragmento anterior n'uma das faces. São furadas umas em um, outras em dois pontos nas extremidades.

No museu da escola polytechnica conserva-se uma que appareceu em Monte Real, a qual é d'esta conformação.



(Placa de schisto de Monte-Real, Leiria)

Além d'esta mais duas de Vianna do Alemtejo, quatro d'uma anta de Pavia e finalmente outra da anta de Bellas.

Estas placas podiam ser, e bem assim outras analogas, uma especie de machados que se ligassem por meio dos orificios e dos entalhos a cabos de madeira. Porém a delicadeza de taes objectos, e não estarem gastos do atrito, faz suppôr que serviriam apenas d'amoletos ou insignias, ou emblemas ou objectos de culto da epoca dos dolmens.

No museu da escola polytechnica existe tambem uma especie de baculo egualmente de schisto negro com ornatos semelhantes aos das placas.



(Baculo de schisto da sepultura de Martin Affonso)

Appareceu na sepultura de Martin Affonso juntamente com facas de silex e com uma ponta de lança da epoca neolithica.

As tres gravuras acima reproduzidas representam objectos da epoca da pedra polida encontrados no nosso paiz. São extremamente notaveis, em particular os dois ultimos, por não constar que hajam apparecido outros semelhantes nos paizes até hoje explorados.

A ornamentação d'estes objectos, consistindo em triangulos cobertos de linhas entremeiadas, é caracteristico. Na Scandinavia conhecem-se umas enxadas de ponta de veado da mesma epoca da pedra polida com ornatos semelhantes. Mas a semelhança consiste sómente na ornamentação, porque entre os objectos não ha paridade nenhuma.

As placas de schisto com ornatos triangulares não são raras em Portugal. Algumas tem apparecido em dolmens. Entre os dolmens de Portugal e os da Scandinavia ha tambem certa semelhança. Tanto uns como outros são dos mais rudes que se conhecem.

Estes e outros factos que mais largamente constam do livro a que nos referimos, relacionam as regiões occidentaes da Peninsula com a corrente das emigrações asiaticas que pelo nordeste da Europa, das terras littoraes do Baltico, etc., seguiram para o sul. As regiões orientaes da Peninsula aonde se não encontram dolmens, bem como na Italia, na Grecia, na Thracia, aonde apparecem pelo contrario construcções cyclopicas, devem ter sido invadidas pela outra corrente que vinha do oeste da Asia, do norte da Africa e do meio-dia da Europa, isto é, das terras banhadas pelo Mediterraneo. Não se tem notado até hoje esta differença fundamental entre as civilisações que o Occidente receberia pelo Atlantico, e aquellas que pelo Mediterraneo viriam ás regiões do Oriente; comtudo a importancia d'este ponto é extrema com relação á ethnologia peninsular.

Por estas e por outras investigações curiosissimas, pela vasta e profundissima lição que encerra, é notabilissimo o livro do sr. dr. Augusto Philippe Simões, livro de que foi nosso proposito dar por hoje uma simples noticia aos leitores do OCCIDENTE. A livraria Ferreira, de Lisboa, editando esta valiosa obra, d'uma especialidade que ainda encontra tão raros cultores no nosso paiz, prestou de certo um grande serviço á sciencia. O seu commettimento deve por isso ser applaudido.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Da magoa, da deshonra e triste nojo,
De ver outrem triumphar de seu despejo.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6